

# **A Igreja Universal do Reino de Deus e a intolerância religiosa: a satanização das religiões afro-brasileiras**

## **Universal Church of the Kingdom of God and religious intolerance: the satanization of Afro-Brazilian religions**

*Andreia Maia Fernandes<sup>1</sup>*

*Flávio Aparecido de Almeida<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

O presente artigo propõe fazer uma análise crítico-interpretativa do discurso de intolerância que a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) direciona às religiões de matrizes africanas em seus cultos, que são maciçamente veiculados pelos meios de comunicação da a Igreja Universal do Reino de Deus. Esse discurso preconceituoso e depreciativo que demoniza as religiões afro-brasileiras cria um ambiente

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências das Religiões pela faculdade UNIDA de Vitória, possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2004) e em Ciências Sociais pela Faculdade Metropolitana de Santos, Especialização Lato Sensu em Cultura e Meios de Comunicação, PUC – São Paulo/SP, Especialização em Alfabetização e Letramento – FINOM – Paracatu/MG, Especialização em Gestão de Pessoas FINOM – Paracatu/MG.

<sup>2</sup> Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade UNIDA, possui graduação em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (2015), graduação em Pedagogia pela Faculdade do Noroeste de Minas (2010), graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Faminas (2015), graduação em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2008), Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Candido Mendes(2013), Especialização em Neuropsicologia pela Universidade Candido Mendes (2016), Especialização em Ética e Filosofia Política pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais (2017) e Especialização em Psicologia Social pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais (2017).

maniqueísta e beligerante, onde a IURD, representante de Deus, trava uma Guerra Santa contra as religiões de matrizes africanas, tidas como representantes do demônio, dando continuidade à intolerância religiosa historicamente arraigada no Brasil, dando-lhe um pano de fundo novo. Será ainda discutido como esse discurso tem deixado o espaço ideológico e material da instituição e motivado atos de violência verbal e física em todo país.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Intolerância. Igreja Universal do Reino de Deus. Religiões afro-brasileiras.

### **ABSTRACT**

This article proposes to carry out a critical-interpretative analysis of the discourse of intolerance that the Universal Church of the Kingdom of God (IURD) directs to religions of African origin in their cults, which are massively broadcast by the Universal Church of the Kingdom of God media. The prejudiced and disparaging discourse that demonizes Afro-Brazilian religions creates a Manichean and belligerent environment, where the IURD, representative of God, wages a Holy War against religions of African origin, seen as representatives of the Devil, continuing the historically ingrained religious intolerance in Brazil and giving new undertones to it. It will also be discussed how this discourse has left the institution's ideological and material space and motivated acts of verbal and physical violence across the country.

### **KEYWORDS**

Intolerance. Universal Church of the Kingdom of God. Afro-Brazilian religions.

## **Introdução**

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é o nome mais relevante do movimento neopentecostal brasileiro. Segundo Ricardo Mariano: “inaugurando um templo por dia em média, a Universal constitui o

grande fenômeno do pentecostalismo nacional”<sup>3</sup>. Como muitas igrejas desse movimento religioso a IURD adota uma doutrina onde se posiciona como a representante legítima de Deus, e, como forma de validar essa postura, usa frases de efeito como: “Igreja Universal, onde um milagre espera por você”, “a Igreja universal não promete, ela faz”, “uma Igreja de resultados”<sup>4</sup> ou “a participação nas reuniões de nossa igreja é um fator muito importante para aquele que, sinceramente, deseja ter uma nova vida”<sup>5</sup>.

Além de tomar para si a representatividade do divino, a IURD propaga em seus cultos e outros veículos de comunicação religiosa, jornais, programas de rádio/TV e livros, um discurso extremamente intolerante em relação a religiões que possuem práticas religiosas diferente das suas, concentrando seus contra as religiões afro-brasileiras. A igreja faz com que seu aparato midiático, e a IURD é dona da TV Mulher, da Rede Record e de diversos outros canais, gráficas, produtoras de vídeo, rádios etc.<sup>6</sup>, trabalhe para avançar aquilo que pode ser descrito como sua ideologia de guerra espiritual, fabricando identidade entre aqueles que creem em outros deuses com os ditos “servos do demônio”. Tal atitude ideológica beligerante se traduz na atitude real dos líderes e membros dessa igreja para com os crentes de outras religiões<sup>7</sup>. Não sendo exclusiva ao neopentecostalismo, a intolerância religiosa é manifesta entre as igrejas neopentecostais<sup>8</sup>. Com o crescimento inegável e rápido dessa corrente religiosa no Brasil<sup>9</sup>, torna-se necessário que olhemos para a especificidade da intolerância dentro do contexto neopentecostal.

---

<sup>3</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 53.

<sup>4</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro Templo e Mercado: Organização de Marketing de Um Empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio; São Bernardo do Campo: UMESP, 1999, p. 364.

<sup>5</sup> MACEDO, Edir. *Nos passos de Jesus*. São Paulo: Unipro, 2018, p. 25.

<sup>6</sup> NUNES, 2008, p. 128.

<sup>7</sup> MEZZOMO, 2008, p. 12.

<sup>8</sup> MEZZOMO, Frank Antônio. Nós e os outros: proselitismo e intolerância religiosa nas igrejas neopentecostais. *Revista de História e Estudos Culturais*, Santa Catarina, v. 5, n. 1, p. 1-25, Jan. 2008. p. 2. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF14/Artigo\\_14\\_Frank\\_Antonio\\_Mezzomo.pdf?>](http://www.revistafenix.pro.br/PDF14/Artigo_14_Frank_Antonio_Mezzomo.pdf?>). Acesso em: 20 Jun. 2020.

<sup>9</sup> MEZZOMO, 2008, p. 4.

A Igreja Universal do Reino de Deus construiu sua identidade com uma base central de oposição às religiões afro-brasileiras, atribuindo a elas o título de porta-vozes do demônio. O discurso cheio de ódio e intolerância e o poderio conquistado ao longo dos anos destacou a IURD das demais igrejas evangélicas, contribuiu para o crescimento do número de membros, a tornou numa “escola” de guerra contra o “mal” ideologicamente construído e hoje podemos identificar várias outras denominações que seguem seus passos. Em contrapartida, a IURD ganhou a aversão de inúmeras igrejas tradicionais que, apesar de não congraçarem com as religiões afro-brasileiras, não fazem coro ao discurso beligerante iurdiano.

A satanização das religiões de origem afro-brasileiras feita pela IURD reforça um discurso histórico, que discrimina o negro, deprecia sua cultura, diminui a tradição religiosa de vários povos que foram forçados a deixar sua terra de origem. E o ódio inoculado pela teologia iurdiana não fica restrito ao púlpito dos templos, é veiculado por emissoras de rádio e TV, é reproduzido na sociedade sob a forma de violência verbal e física. Assegurada a liberdade de culto e de expressão pela Constituição Federal Brasileira de 1988 para todas as religiões<sup>10</sup>, é necessário que pensemos a relação violenta entre a IURD e as demais religiões como uma relação de poder institucionalizado, uma relação de exclusão violenta, de dominância, nos moldes bourdieusianos<sup>11</sup>. Assim, o poder iurdiano decorre de sua legitimidade social e sua crescente influência deve ser compreendida como um movimento de busca pelo “monopólio do exercício legítimo da violência religiosa”<sup>12</sup>, se levarmos em conta a centralidade de sua ideologia e prática beligerante.

No presente artigo, buscaremos, através da revisão de textos pertinentes, determinar o que é a intolerância religiosa, como opera a IURD e como ela propaga a intolerância religiosa contra religiões de matriz

<sup>10</sup> BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

<sup>11</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução por: Sergio Micelli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli, Wilson Campos Vieira. São Paulo: Persepectiva, 2007, p. 27-154.

<sup>12</sup> BOURDIEU, 2007, p. 90.

africana, os estereótipos que ela cria para fazê-lo, focando também na atitude ideologicamente beligerante que ela toma frente a essas religiões.

## 1. Intolerância religiosa no Brasil: uma perspectiva histórica

A diversidade étnica, cultural e religiosa brasileira é mundialmente conhecida. No entanto essa pluralidade, que historicamente é o cerne da formação do povo brasileiro, não inibe o desencadeamento de conflitos e intolerância em todos os campos sociais, principalmente no campo religioso.

Observamos que o Brasil é uma nação de cultura mestiça. Nessa perspectiva não há como definirmos uma manifestação cultural como dotada de uma “pureza original”, já que o contato e a troca de experiências entre diferentes grupos gera aculturação, o que no Brasil se deu por intermédio da assimilação coercitiva da cultura europeia tanto para os indígenas quanto para os negros escravizados, infligindo, principalmente a esses últimos, retirados de sua terra, uma espécie de “anomia social e cultural”, isto é, de conflito interno ou tensão subjetiva em relação à sociedade<sup>13</sup>.

Em relação à religiosidade dos nativos brasileiros, a ordem dos jesuítas, numa época em que poder religioso e político se confundiam<sup>14</sup>, foi encarregada de cristianizar a terra recém “descoberta” pelos portugueses, de universalizarem ali os valores católicos, de promoverem a “homogeneização ideológica baseada nos esteios morais da cristandade europeia”<sup>15</sup>. Assim, a coerção ideológica jesuíta tinha desígnios salvadores,

---

<sup>13</sup> MARCUSSI, Alexandre Almeida. Implicações atuais do debate entre Herskovits e Frazier sobre os africanismos. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, Jul. 2011, p. 1-11. p. 2. Disponível em: <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855462\\_1440d6cad39b617b5fe13a06f790b2b0.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855462_1440d6cad39b617b5fe13a06f790b2b0.pdf)>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

<sup>14</sup> PAIVA, José Maria de. *Colonização e catequização*. São Paulo: Autores Associados, 1982, p. 99.

<sup>15</sup> SABEH, Luiz Antônio. *Colonização salvífica: Os jesuítas e a coroa portuguesa na construção do Brasil (1549-1580)*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. p. 41. Disponível em: <<http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2009/LuizSabeH.pdf>>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

de redenção de pecadores, sem que esses se desligassem dos desígnios mais amplos de solidificação do poderio da coroa tanto sobre a terra quanto sobre seus habitantes.

No que diz respeito à cultura religiosa trazida da África, a “aculturação” pode ser observada tanto no sincretismo religioso que uniu o catolicismo lusitano às tradições das religiões de matrizes africanas trazidas pelos escravos quanto na marginalização desta. As cerimônias religiosas primitivas africanas eram caracterizadas pela crença em deuses que usavam corpos mortais para se manifestarem e demandavam sacrifícios de animais, além de ser comum o uso de ervas e de sangue nos ritos<sup>16</sup>. Segundo Silva<sup>17</sup>, a Igreja Católica colonial reprimiu duramente essas práticas com a finalidade de distanciar sua crença nos santos daquelas consideradas “primitivas”. Ao se deparar com a imposição de uma tradição religiosa que não lhe pertencia, o negro uniu as duas como forma de não deixar que a tradição religiosa trazida da África fosse extinta.

A religião católica também não saiu ileso desse encontro de povos, culturas e religiões. Foi preciso que o catolicismo se tornasse mais “flexível” na colônia, adotando crenças e costumes religiosos de povos indígenas e negros, uma vez que essas religiões também coexistiam na consciência coletiva. De “superstições e práticas de curandeirismo” até o culto de símbolos inseridos aqui pelos africanos, o catolicismo absorveu no Brasil, mediante um processo que durou gerações, aspectos de diversas culturas e povos que ele mesmo considerava como pecaminosos<sup>18</sup>.

A matriz religiosa brasileira foi formada desde sua origem pelo sincretismo religioso, esse determinou as características da religiosidade de nosso país. Segundo Bittencourt Filho, o sincretismo religioso pode ser considerado como “a coexistência, numa só pessoa, de concepções religiosas, filosóficas e doutrinárias, por vezes opostas, e mesmo, racionalmente

<sup>16</sup> MCALISTER, ROBERT. *Mãe-de-santo*. Rio de Janeiro: Carisma, 1983, p. 93.

<sup>17</sup> SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Ática, 1994.

<sup>18</sup> RIBEIRO, Josenilda Oliveira. *Sincretismo religioso no Brasil: Uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012. p. 17. Disponível em: <http://estrategistas.com/wp-content/uploads/2013/06/Sincretismo-religioso-no-Brasil-Josenilda-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 20 Jun. 2020.



inconciliáveis”<sup>19</sup>. Assim, essas diversas manifestações religiosas não se organizaram logicamente num sistema religioso total, mas sim acidentalmente, pelo intercâmbio cultural e dentro dos limites desse intercâmbio impostos de fora para dentro.

Assim como é inegável o fato da religiosidade brasileira ter sido historicamente formada pela união de crenças de diferentes povos, também o domínio do cristianismo católico àquela época é indiscutível e se reflete ainda hoje na realidade religiosa brasileira, com o catolicismo ainda sendo a religião de maior prestígio no país<sup>20</sup>. Escravizados, pauperizados, subjugados para que ocorresse a ascensão das etnias europeias, os povos racializados foram privados do manifestar pleno de sua fé, uma vez que essa causava “certa repulsa, medo e indignação por parte de adeptos de outros segmentos religiosos derivados de religiões oficiais e socialmente aceitas”<sup>21</sup>. Tal é o quadro da intolerância com o qual lidamos nesse texto.

## 2. Quem é a “Universal”?

Em 1977, no Rio de Janeiro, a Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada, sendo o atual Bispo Edir Macedo um de seus fundadores. Com “liderança carismática” e a noção de que era a portadora “da mensagem verdadeira”, a IURD preparou “o desenvolvimento das suas atividades no amplo mercado de bens simbólicos disponíveis no campo religioso brasileiro”, alcançando notoriedade na década de 80 por seus grandes eventos, pela alta arrecadação monetária nestes e pela sua atitude beligerante principalmente com religiões de matriz africana, mas

---

<sup>19</sup> BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: Religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003, p. 68.

<sup>20</sup> RIBEIRO, 2012, p. 7.

<sup>21</sup> SILVA, Lucília Carvalho da; SOARES, Katia dos Reis Amorin. A intolerância religiosa face às religiões de matriz africana como expressão das relações étnico-raciais brasileiras: o terreno do combate à intolerância no município de Duque de Caxias. *Revista EDUC*, Duque de Caxias, vol. 1, n. 3, Jan./Jun., 2015, p. 1-13. p. 4. Disponível em: <[http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170608150213.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170608150213.pdf)>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

também com o catolicismo e mesmo com outras doutrinas protestantes e pentecostais<sup>22</sup>. Com a teologia da prosperidade, que é a doutrina pela qual se faz crer que a capacidade redistributiva da oferta dada é um trabalho divino, a grande divulgação midiática (TV Mulher, Rede Record, mais de 60 emissoras de rádio, gráficas, editoras, jornais, gravadoras, empresas de processamento de dados, produtoras de vídeo)<sup>23</sup> e a guerra ideológica teatral contra o “diabo” reconhecido no outro, naquele que é caracterizado como infiel<sup>24</sup>, a IURD lançou as bases para sua tentativa de monopolização do discurso religioso no Brasil.

Em 2010, a IURD começou a colocar em prática um plano audacioso: a construção do Templo de Salomão, uma edificação com capacidade para mais de 10 mil fiéis, de 100 mil metros quadrados<sup>25</sup>, o qual foi amplamente divulgado como sendo o maior espaço religioso do Brasil, apesar dessa informação não ser verdadeira. Esta construção é um bom símbolo do poder da IURD, tanto por ser, de fato, uma construção imponente, quanto pela mistificação que a envolve.

De acordo com o Censo de 2010, a IURD tem cerca de 1,8 milhões de fiéis. Ela ainda é a maior representante da corrente neopentecostal, mas perdeu uma grande quantidade de fiéis na última década<sup>26</sup>. A IURD possui em seu DNA características que a distanciam das denominações tradicionais, tais como:

---

<sup>22</sup> MENESES, Jonatas Silva. Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): Institucionalização e mudança de paradigmas. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, n. 20, p. 423-436, 2017. p. 425-426. Disponível em: <[http://recil.grupolusofona.pt/xmlui/bitstream/handle/10437/8777/igreja\\_universal\\_reino\\_deus.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/xmlui/bitstream/handle/10437/8777/igreja_universal_reino_deus.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

<sup>23</sup> NUNES, 2008, p. 128.

<sup>24</sup> MEZZOMO, 2008, p. 20.

<sup>25</sup> BATISTA JR., João. Detalhes exclusivos do Templo de Salomão, nova sede da Igreja Universal. *Veja São Paulo*, São Paulo, 1 Jun. 2017. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/templo-de-salomao-igreja-universal/>>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

<sup>26</sup> AZEVEDO, Reinaldo. O IBGE e a religião – Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. *Veja*, São Paulo, 18 Fev. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em: 21 Jun. 2020.



- Eleicionismo e salvacionismo: crença que prega que só aqueles que são fiéis da Universal serão salvos, que eles são os “eleitos”. Essa teoria está explícita no discurso de Macedo: “A Universal foi chamada para levantar uma nação, uma nação de vencedores, uma nação de conquistadores, um exército forte do Deus vivo aqui na Terra.”<sup>27</sup>
- A absorção de rituais nos ritos da Universal, que por vezes lembram os rituais de religiões de matrizes africanas, o que Campos denominou de “umbandização do protestantismo brasileiro”<sup>28</sup>.
- Campos em sua tese ainda nos chama a atenção para o fato de que “a Igreja Universal é uma instituição contemporânea modelo, com uma mentalidade empresarial religiosa, que investe socialmente num marketing religioso agressivo”<sup>29</sup>.
- A teoria da prosperidade é outra característica marcante da IURD, teoria que estabelece uma relação muito próxima entre o discurso religioso e a cultura do consumo.

Ser cristão é ser filho de Deus e co-herdeiro de Jesus; dono, por herança, de todas as coisas que existem na face da terra; proprietário de todo o Universo. Isto não é arrogância nem utopia; pelo contrário, é ocupar a posição que Deus quer que ocupemos, viver na real condição de filho de Deus, manifestando a Sua glória e exuberância. Você [...] é herdeiro de todas as coisas e na sua vida deve resplandecer a glória do seu Pai. Nada de se contentar com a desgraça ou com a pobreza. Levante-se agora mesmo e assuma a sua posição<sup>30</sup>.

- O uso maciço dos meios de comunicação: a IURD utiliza horários em emissoras de rádio e televisão, além de ser proprietária de outras emissoras, destacando-se a Rede Record de Televisão. Bonfatti<sup>31</sup> mostra que o uso das mídias criou uma nova forma de

<sup>27</sup> “Crentes fracassados”. In: Mensagem do Bispo Edir Macedo, Caderno Opinião, *Folha Universal*, 09/10/2016, p. 2.

<sup>28</sup> CAMPOS, 1997, p. 47.

<sup>29</sup> CAMPOS, 1997, p. 12.

<sup>30</sup> MACEDO, Edir Bezerra. *Vida com Abundância*. Rio de Janeiro: Universal, 1990, p. 13.

<sup>31</sup> BONFATTI, Paulo. *A expressão Popular do Sagrado*. Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000.

viver a religiosidade, onde a relação virtual entre o fiel e o sagrado por vezes predomina sobre a presença física nos templos e os dirigentes apresentam um carisma quase teatral.

Desde sua fundação, a IURD vem ganhando cada vez mais importância, e não apenas no campo religioso. De fato, essa presença expressiva está se estendendo para os campos de comunicação, para o campo econômico e para o campo político. A IURD tornou-se o que é e busca ampliar seu poderio no Brasil e fora dele conquistando as mais diversas classes e mantendo um discurso que toca a todas elas de forma diferente<sup>32</sup>.

### **3. Os variados veículos de propagação de intolerância**

Nem só no púlpito fica claro o discurso hostil, intolerante e depreciativo da Universal em relação às outras religiões. Eles também fazem uso da transmissão televisiva, da radiodifusão, música e livros, usando esses veículos como portadores da mensagem de que a IURD é “A Igreja” legitimada pelo próprio Senhor e que as religiões de matrizes africanas estão a serviço do demônio. A batalha travada pela Universal contra essas religiões é uma forma dela construir uma identidade própria, uma forma de não ser apenas mais uma igreja evangélica, mas sim a representante de uma guerra santa moderna contra os infiéis.

#### **3.1. O pastor X Santa**

A Igreja Universal, por seu caráter eleicionista, mantém um discurso intolerante em relação às demais denominações religiosas. O primeiro caso de intolerância religiosa que provocou comoção e até mesmo repúdio na população brasileira aconteceu no dia 12 de outubro de 1995, e envolveu um membro do clero da Universal, o bispo Sérgio von Helder. O episódio onde Von Helder chutou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida aconteceu durante a transmissão do programa Despertar da Fé, veiculado pela Record. Nele, o bispo desferiu 3 socos e 11 chutes

---

<sup>32</sup> MENESES, 2017, p. 427.

contra a imagem. O mesmo justificou suas ações condenando o caráter idólatra da religião católica.

Von Helder foi condenado a dois anos e dois meses de prisão por prática de discriminação religiosa e vilipêndio de imagem religiosa, mas, por ser réu primário pôde recorrer à condenação em liberdade. Essa foi a primeira vez que a Justiça Brasileira condenou alguém por discriminação religiosa. Depois de ser execrado pela mídia nacional, Von Helder foi mandado para uma espécie de “exílio” no Estados Unidos. Passou por Porto Rico, México, Colômbia e Venezuela. Rompeu com a IURD e hoje é bispo e representante da Igreja da Restauração no Brasil.

Ao voltar para o Brasil em 2012, além de divulgar sua nova Igreja, Von Helder também lançou um livro intitulado *Um chute na idolatria*, onde faz críticas ferrenhas à Igreja Católica e contesta dogmas católicos como o fato de Maria ser mãe de Deus e a existência do purgatório. Usando as palavras do próprio Von Helde, o objetivo da publicação é “tirar as pessoas da cegueira e da ignorância”, “mostrar mentiras, que de gerações em gerações, entram na cabeça das pessoas como verdades”<sup>33</sup>.

Ainda sobre esse episódio que demonstra a intolerância com a qual a Igreja Universal e os membros do seu clero tratam as demais denominações religiosas, podemos também apontar que, em 1998, o bispo licenciado da IURD, Marcelo Crivella, em seu disco “Como posso me calar?”, lançou a música “Um chute na heresia”, com a seguinte letra:

Na minha vida dei um chute na heresia  
Houve tanta gritaria de quem ama a idolatria  
Eu lhe respeito meu irmão, não quero briga  
Se ela é Deus, ela mesmo me castiga  
Aparecida, Guadalupe ou Maria  
Tudo isso é idolatria de quem vive a se enganar  
Mas não se ofenda meu irmão, não me persiga  
Se ela é Deus, ela mesmo me castiga  
Por que mover processo na justiça?  
Se ela é Deus, ela mesmo me castiga.

<sup>33</sup> ULTIMO SEGUNDO. A volta de Von Helde: o bispo que chutou a santa. *Ultimo Segundo*, 20 Ago. 2014. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2014-08-20/a-volta-de-von-helde-o-bispo-que-chutou-a-santa.html>>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

Em 2016, candidato ao cargo de prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Crivella retirou-a do YouTube. Atualmente no link só aparece um aviso que Marcelo Crivella exigiu direitos autorais. Esse foi o primeiro episódio de intolerância religiosa protagonizado por membros do alto escalão da IURD. Muitos outros aconteceram e acontecem, mas são direcionados a uma minoria religiosa que historicamente convive com a discriminação e o preconceito por conta de sua opção religiosa.

### 3.2. Os estereótipos e intolerância religiosa

Os estereótipos religiosos veiculados nos programas de televisão auxiliam a disseminação da intolerância religiosa. Quando imagens pré-formadas, errôneas e depreciativas sobre determinado indivíduo ou grupo são divulgadas por um meio de comunicação tão potente quanto a televisão, elas acabam trazendo prejuízos ao grupo ‘estereotipado’, acabando por retomar processos despersonalizantes como os que ocorreram ao longo da colonização e que foram anteriormente discutidos.

No Brasil as religiões de matrizes africanas são as que mais sofrem intolerância, baseando-se essa em um estereótipo negativo de que os praticantes dessa religião são adoradores do demônio e como tal usam seu culto para prática do mal. Dados da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do Rio de Janeiro (CCIR) mostram que mais de 70% de 1.014 casos de ofensas, abusos e atos violentos registrados no Estado entre 2012 e 2015 são contra praticantes de religiões de matrizes africanas. Estudos realizados pelo Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos (Ceplir) mostram que 71% de todos os casos de intolerância religiosa são contra adeptos de religiões como o Candomblé e Umbanda. As agressões vão desde ofensas verbais, passando por apedrejamentos como o da menina Kaylane, e chegando a invasão e incêndios criminosos em terreiros<sup>34</sup>.

As agressões sofridas pelos praticantes de religiões de matrizes africanas estão ligadas ao preconceito, um fato histórico, e, mais recentemente,

---

<sup>34</sup> PUFF, Jeferson. Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância religiosa no Brasil?, Portal *Geledés*, 21 Jan. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/por-que-as-religoes-de-matriz-africana-sao-o-principal-alvo-de-intolerancia-no-brasil/>>. Acesso em: 21 Jun. 2020.

estão também diretamente relacionadas ao crescimento das religiões neopentecostais, que, se valendo do aumento de seu número de fiéis e de muitas horas de veiculação de programas religiosos ligados a essa corrente na televisão, promovem o estereótipo de que os membros de religiões afro-brasileiras são “feiticeiros”, “macumbeiros”, “filhos do demônio”. Quando discursos distorcidos sobre algum seguimento religioso são repetidos inúmeras vezes pelas redes de televisão, cria-se no imaginário popular uma imagem distorcida desse seguimento. Essa imagem, embora não corresponda à realidade, passa a ser uma “verdade”, passa a falar mais alto que a realidade, sendo o resultado disso a recorrência de episódios de violência religiosa na sociedade.

Recentemente, a Rede Record foi obrigada pela Justiça de São Paulo a veicular 16 horas de conteúdo positivo sobre religiões de matriz africana, devido a ofensas em programas da Igreja Universal do Reino de Deus. Essa ação civil pública foi movida, em dezembro de 2004, pelo Ministério Público Federal, pelo Instituto Nacional de Tradição e Cultura Afro-Brasileira (ITECAB) e pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e da Desigualdade (CEERT), e apenas após 14 anos houve resolução para o caso.

A Constituição Federal garante em seu artigo 5º, inciso VI, a liberdade ao culto religioso de qualquer denominação e o respeito a esses: “é inviolável a liberdade de consciência religiosa e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”.

O Código Penal Brasileiro garante em seu artigo 208 a punição a qualquer ato de intolerância religiosa:

Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso.

Pena – detenção, de 1 (um) mês a 1 (um) ano, ou multa.

Parágrafo único. Se há emprego de violência, a pena é aumentada de 1/3 (um terço), sem prejuízo da correspondente à violência.

Como forma de estabelecer o princípio da igualdade, é preciso estabelecer políticas públicas diferenciadas para garantir os direitos das

minorias, entre essas, os das confissões religiosas minoritárias. Essas políticas são necessárias para superar violências históricas estigmatizantes que seus seguidores sofrem recorrentemente. O Estado deve resguardar os direitos desses cidadãos impedindo que ações ou mensagens discriminatórias e marginalizantes sejam direcionadas aos integrantes das minorias religiosas. Esse não é um movimento que objetiva privilegiar de forma ilegítima as confissões religiosas minoritárias, mas sim

distinguir entre as diferenciações jurídicas que favorecem e as que não favorecem a igual dignidade e liberdade dos cidadãos”, considerando que “as primeiras justificam-se quando o respeito pelas especificidades de certas confissões religiosas minoritárias exige que a ordem jurídica proceda a determinados ajustamentos de forma a efetivar a sua liberdade religiosa e a acomodar a sua presença na esfera pública<sup>35</sup>.

Nos cultos da IURD, a demonização das religiões de matriz africana são teatrais: a manifestação demoníaca acontece, obreiros colocam as mãos sobre aqueles que estão sendo possuídos e os encaminham aos pastores pra serem exorcizados. Os fiéis gritam e se contorcem. De acordo com Almeida<sup>36</sup>, três perguntas geralmente são feitas pelos pastores no púlpito aos que estão possuídos pelo “demônio”: “Qual seu nome?”; “O que você tem feito na vida dela (e)?”; e “Como você entrou na vida dela (e)?”. De forma previsível, as respostas estarão vinculadas às religiões de matriz africana. A entrevista acontece num clima de escárnio e humilhação das entidades das religiões afro-brasileiras com a finalidade de demonstrar aos presentes e aos telespectadores a “superioridade” da Igreja Universal do Reino de Deus diante das religiões de matrizes africanas.

Alguns juristas veem a exibição de episódios desse cunho pelos meios de comunicação como um desrespeito ao artigo 19 da constituição. Como é o Estado que cede os direitos de transmissão na TV aberta,

<sup>35</sup> MACHADO, Jonatas Eduardo Mendes. *Liberdade religiosa numa comunidade constitucional inclusiva: Dos direitos da verdade aos direitos dos cidadãos*. Coimbra: Coimbra, 2006, p. 298.

<sup>36</sup> ALMEIDA, Ronaldo de. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.



seria seu trabalho fiscalizar estes acontecimentos para que o seu próprio caráter laico não fosse ferido.

Quando se analisam características de uma determinada denominação religiosa de forma descontextualizada, corre-se risco de descaracterizá-la, fazendo de sua autenticidade, de suas singularidades, alvo de depreciação de grupos que pensam-se superiores. Tal relação serve bem ao projeto de dominação ideológica da IURD, mas aumenta a incidência de violência religiosa.

### 3.3. Caboclos, Orixás e Guias: A intolerância virou livro

Em 1997 o bispo Edir Macedo lança um livro intitulado como “Caboclos, Orixás e Guias, deuses ou demônios?”, livro que se tornou um best-seller, vendendo aproximadamente 3 milhões de cópias, e se tornou também o livro evangélico mais vendido em todo Brasil. A obra traz um discurso carregado de intolerância. Seu autor foi acusado de vilipêndio religioso. Não há neutralidade no texto de Edir Macedo. Pelo contrário, há nele uma intencionalidade bem demarcada: mostrar que as religiões de matrizes africanas não estão a serviço de Deus, mas são seitas satânicas que trabalham em prol da decadência humana. No prefácio o pastor J. Cabral confere a Edir Macedo o título de autoridade capaz de tratar o assunto, um verdadeiro “Soldado da Fé”, e diz: “Através dos veículos de comunicação e das igrejas que tem estabelecido por todo Brasil e no exterior, o bispo Macedo tem desencadeado uma verdadeira guerra contra toda obra do diabo”<sup>37</sup>.

No livro o líder mor da IURD se apresenta como um grande especialista em demonologia e dedica sua obra àqueles que precisam de “esclarecimentos” religiosos, mais especificamente para os praticantes de religiões afro-brasileiras. Diz Macedo: “a todos os pais-de-santo e mães-de-santo do Brasil, considero que todos eles mais que qualquer pessoa, merecem e precisam de um esclarecimento”<sup>38</sup>. O prefácio exalta de forma nada acanhada os dons de Edir Macedo:

<sup>37</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Universal, 2002, p. 9.

<sup>38</sup> MACEDO, 2002, p. 10.

Esse homem, que Deus levantou nesses dias para uma obra de grande vulto no cenário evangelístico nacional e mundial, conhece todas as artimanhas demoníacas. Seu frequente contato com praticantes do espiritismo, nas diversas ramificações, faz com que seja um grande conhecedor da matéria. Cremos ser impossível a um praticante do espiritismo ler este livro e continuar na sua prática. Acreditamos também ser difícil a um cristão ler este livro e continuar a professar uma fé descuidada e estagnada<sup>39</sup>.

Em todo discurso presente na obra de Edir Macedo há uma relação entre as deidades e entidades das religiões afro-brasileiras com os demônios, e como aos demônios, são-lhe atribuídos todos os infortúnios, desgraças e caos presentes na sociedade. Outro ponto relevante no livro é a ideia de que a mulher ocupa uma posição de “inferioridade” que a deixa a mais suscetível ao domínio e aos desígnios do demônio.

Além do reforço dos estigmas e as imagens negativas a respeito das mulheres (algo que está presente no imaginário coletivo da sociedade), outras formas de estigmatização, depreciação e intolerância são apresentadas por Macedo, que coloca de forma pejorativa orientações sexuais não-heteronormativas como sendo obras do demônio, uma falha moral comparável a atos criminosos. Isso culmina na ideia de “salvar” as pessoas de tais comportamentos influenciados pelo anticristo. Entre as pessoas que se comportariam sexualmente de uma ou outra forma por influência do demônio, segundo o livro, estariam: “prostitutas, homossexuais e lésbicas”, que “sempre são indivíduos possuídos por pombagiras, Maria-molambo etc.”<sup>40</sup>. Continua o bispo:

Dentre os que procuram os terreiros para fechar os corpos, a maioria se compõe de criminosos, contraventores, prostitutas, homossexuais e etc. Todas essas pessoas precisam, de fato, abrir o corpo e a mente para que o Espírito Santo faça morada em suas vidas e se tornem criaturas remidas pelo sacrifício expiatório de Jesus Cristo<sup>41</sup>.

---

<sup>39</sup> MACEDO, 2002, p. 7-8.

<sup>40</sup> MACEDO, 2002, p. 43.

<sup>41</sup> MACEDO, 2002, p. 82.

Com uma linguagem de fácil entendimento, onde conceitos dualistas são reiterados, Edir Macedo, no livro “Orixás, Caboclos e Guias”, usa recursos guiados pela lógica do marketing religioso, ratificando uma das características mais marcantes da IURD: a igreja com estrutura empresarial. Além disso, o discurso de Macedo nesta literatura é dotado de um poder simbólico e de um poder linguístico. O primeiro está relacionado à posição tomada da igreja, que se encontra numa constante “guerra santa”, onde ela é a representante de Deus, enquanto as religiões afro-brasileiras e mediúnicas representam as forças demoníacas. Já o poder linguístico se refere ao caráter do texto, que evolui como se fosse a continuação da pregação feita nos cultos, mostrando como aqueles que antes seguiam diferentes correntes religiosas viviam uma existência miserável tomada por adversidades e que ao se tornarem iurdianos passaram a viver uma vida tomada de bênçãos.

Na retórica iurdiana há palavras fortes usadas para designar a vida pregressa dos fiéis, que era uma vida destruída, derrotada, difícil, dominada, arrasada, fechada e bloqueada por demônios. O ponto mais baixo atingido pela pessoa em sua queda recebe o nome de fundo do poço, quando então o indivíduo estava possesso de demônios. [...] A única saída para quem está no fundo de poço é a libertação, quando então o indivíduo é chamado a tomar posse da salvação. [...] As obras malignas foram desfeitas, os demônios foram amarrados e a vida transformada<sup>42</sup>.

Exemplo disso encontramos no trecho:

Um dia essa moça veio até a Igreja, recebeu a oração e nunca mais teve desmaios. Isso tem acontecido com milhares e milhares em todo mundo. Existem até demônios especialistas em ataques. Omulu e Obaluaê é dos que causam ataques, desmaios, ou ataques epiléticos. Muitos epiléticos ao chegarem em nossas reuniões, foram curados após esse espírito sair de seus corpos. As tonteiras, náuseas e desmaios são quase sempre características de possessão demoníaca<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> CAMPOS, 1997, p. 308.

<sup>43</sup> MACEDO, 2002, p. 49.

Durante toda a obra evangélica “Orixás, Caboclos e Guias” há a predominância de um vocabulário popular, uma linguagem direta, um texto que lembra um diálogo entre pessoas próximas e parágrafos curtos, o que facilita seu entendimento até mesmo por aqueles que não são grandes leitores. Além disso, esses recursos não dão margem para uma interpretação diferente daquela pretendida por Macedo. A mensagem do livro é clara: a Igreja Universal é a verdadeira representante de Deus na Terra e como tal tem o dever de suprimir as heresias e qualquer tipo de sincretismo religioso. Sendo as religiões de matrizes africanas dotadas de práticas hereges (de acordo com o pensamento de Macedo), elas são repetidamente atacadas pelo livro. A tarefa do bispo parece ser inserir o leitor na mentalidade de uma inquisição contemporânea.

Apesar das religiões afro-brasileiras serem o principal alvo das críticas feitas no livro, o kardecismo também é acusado de estar a serviço do diabo com o propósito de enganar o povo:

No candomblé oxum, iemanjá e ogum entre outros demônios, são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue para agradar, quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial. Na umbanda, os deuses são os orixás, considerados poderosos demais para serem chamados a uma incorporação. Os adeptos preferem chamar os espíritos desencarnados ou espíritos menores, chamados caboclos, pretos velhos, crianças. Na quimbanda, os deuses são exus, adorados e servidos no intuito de alcançar alguma vantagem sobre um inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou marido de alguém ou obter favores por meios ilícitos etc. No Kardecismo e nas demais ramificações espíritas ou espiritualistas, os demônios se apresentam como espíritos evoluídos ou ainda em evolução, que precisam de doutrina<sup>44</sup>.

#### **4. Travando uma “santa” batalha**

A Universal já foi protagonista de diversos episódios de intolerância religiosa e seu principal alvo são as religiões afro-brasileiras. Aquela não

---

<sup>44</sup> MACEDO, 2002, p. 14-15.

apenas diverge quanto aos dogmas religiosos dessas, mas os deprecia, define essas religiões como servidoras do demônio e seus ritos como verdadeiras manifestações satânicas. Ao usar nos cultos e nos meios de comunicação os nomes de entidades de religiões afro-brasileiras, a IURD distorce seu significado e as relaciona a demônios, sustentando o discurso de ódio. Isso fica claro ao dizer Macedo: “Essa religião [afro-brasileira] que está tão popular no Brasil é uma fábrica de loucos e uma agência onde se tira o passaporte para a morte e uma viagem para o inferno”<sup>45</sup>.

Edir Macedo coloca a Igreja que fundou num patamar acima das demais igrejas, até mesmo da demais igrejas evangélicas, e separa as diversas denominações entre igrejas fortes e igrejas fracas. Essas últimas seriam “as chamadas igrejas clássicas ou tradicionais que começaram fundamentadas no poder de Deus, mas, com o passar dos anos, deram lugar à tradição dos homens”<sup>46</sup>. A Universal, por sua vez, é uma igreja forte, pois trava uma guerra contra o diabo e traz libertação às pessoas que estavam oprimidas pela ação do demônio em suas vidas.

Graças a Deus, pertencemos a uma igreja que, embora tenha as suas imperfeições, fundamenta a sua fé no poder de Deus. Temos certeza de que o Espírito do Senhor nos tem dirigido, razão pela qual estamos pisando na cabeça de satanás. Em nossas reuniões, os demônios são humilhados e até mesmo achincalhados, numa prova de que o Senhor está conosco. As pessoas são libertas e se transformam em novas criaturas para Deus<sup>47</sup>.

Essa “Guerra Santa” travada pela Universal, não se restringe aos púlpitos dos templos e nem aos programas religiosos veiculados por emissoras de rádio e TV. Essa é uma guerra que tem ultrapassado os muros da religiosidade e tomado formas de violência física. Vilipêndio a terreiros e agressões tem ficado cada vez mais frequentes, demonstrando a que nível o desrespeito e a intolerância podem chegar.

[...] no Rio de Janeiro, umbandistas do Centro Espírita Irmãos Frei da Luz foram agredidos com pedradas pelos frequentadores de

---

<sup>45</sup> MACEDO, 2002, p. 86.

<sup>46</sup> MACEDO, 2002, p. 121.

<sup>47</sup> MACEDO, 2002, p. 122.

uma IURD, situado ao lado desse Centro, na Abolição. Uma adepta da Tenda Espírita Antônio de Angola, no bairro do Irajá, foi mantida por dois dias em cárcere privado numa igreja evangélica em Duque de Caxias, com o objetivo de que esta renunciasse à sua crença e se convertesse ao evangelismo<sup>48</sup>.

[...] moradores da travessa Santa Martinha, na Abolição, denunciaram ontem os frequentes ataques praticados contra o Centro Espírita Irmãos Frei da Luz, vizinho do templo. Ontem, ainda traumatizados e apavorados com a violência do dia anterior. Quando cerca de 500 frequentadores da Igreja Universal fecharam a rua e agrediram a pedradas os umbandistas, os moradores pediram providências às autoridades para que sejam evitados novos conflitos<sup>49</sup>.

A edição de 26 de setembro a 2 de outubro de 1999 da Folha Universal, por exemplo, publicou a reportagem “Macumbeiros Charlatões Lesam a Bolsa e a Vida dos Clientes – O Mercado da Enganação cresce no Brasil, mas o Procon está de Olho”, tendo como ilustração foto da senhora Gildásia dos Santos, conhecida como Mãe Gilda, líder do Axé Abassá de Ogum, em Itapuã na Bahia. Como resultado dessa reportagem, membros da igreja Deus é Amor invadiram seu terreiro tentando exorcizá-la.

Depois desses acontecimentos, Mãe Gilda e sua família decidiram processar a IURD, mas a líder religiosa faleceu em 21 de janeiro de 2000, antes mesmo da decisão judicial. Seus parentes afirmam que o desgosto desses acontecimentos fizeram piorar sua saúde, o que a levou a um infarto fulminante. Em 2007 a Lei nº 11.635, de 27 de dezembro, oficializou o dia 21 de janeiro como Dia Nacional de Combate a Intolerância Religiosa, em homenagem a Mãe Gilda.

Na década de 1980, o professor Jayro de Jesus coordenou o projeto tradição dos Orixás, que tinha como objetivo visitar Terreiros da Baixada Fluminense, ouvir relatos sobre intolerância religiosa e encaminhá-los às delegacias. Esses relatos foram reunidos no Dossiê “A Guerra Santa

<sup>48</sup> SILVA JR, Hédio. *Notas sobre sistema jurídico e intolerância religiosa no Brasil*. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.) *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007, p. 12.

<sup>49</sup> O GLOBO, 1989 *apud* MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 123.



Fabricada” e entregues ao Governo Federal, mas ainda nenhuma ação concreta no sentido de coibir atos de violência por motivo religioso pode ser observada. O dossiê denuncia reiteradamente ações violentas contra membros de religiões de matriz africana feitas por integrantes de igrejas neopentecostais, principalmente seguidores de Edir Macedo. O crescimento dos casos de intolerância religiosa é reafirmado pelo “Relatório da Intolerância e Violência Religiosa no Brasil”<sup>50</sup>.

### Considerações finais

Desde a sua colonização, o Brasil é cenário de inúmeras manifestações de intolerância religiosa. Mesmo havendo leis que garantem a liberdade religiosa, esse direito não é respeitado. Podemos observar que a intolerância religiosa é uma questão que está além do desacordo entre os dogmas das diferentes Igrejas. Ela envolve problemas de discriminação ética e social historicamente estabelecidas na sociedade brasileira.

Há nas igrejas neopentecostais, como a IURD, maior representante dessa corrente no Brasil, o intuito de monopolizar a legitimidade religiosa com a finalidade de aumentar o número de fiéis e seu poderio social. Para isso, cria-se um inimigo a combater nas demais religiões, focando-se esses ataques nas religiões de matriz africana por seu status de marginalidade histórica. Esse processo de satanização trouxe para a contemporaneidade um discurso do século XVI, do colonizador católico, que determinou que a religião que os negros praticavam não estava de acordo com a vontade de Deus. Tal discurso ignora a identidade dos negros e a luta desse povo para preservar sua história, sua cultura e suas tradições.

Segundo Silva<sup>51</sup>, há poucas atitudes concretas com a finalidade de impedir quaisquer discursos ou práticas de intolerância religiosa no Brasil, principalmente porque os alvos mais frequentes dessa violência são

---

<sup>50</sup> GUALBERTO, Márcio Alexandre M. Mapa da intolerância religiosa 2011: Violação ao direito do culto no Brasil – 2011. Salvador: AAMAP, 2011. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/Mapa-da-intoler%C3%A2ncia-religiosa.pdf>>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

<sup>51</sup> SILVA, Vagner Gonçalves da. *Intolerância Religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007.

as religiões afro-brasileiras, praticadas por pessoas marginalizadas. Muitos são forçados a esconder sua fé frente a esse quadro.

Edir Macedo e sua Igreja apresentam um discurso maniqueísta, considerando a Universal como representante do bem, da prosperidade, da solução, da saúde, da salvação, enfim, de Deus, enquanto as religiões afro-brasileiras seriam representantes do mal, da miséria, dos problemas, da doença, da condenação, do diabo. Satanizando as religiões de origem africanas, conferindo aos demônios nomes de entidades, a IURD dá forma ao inimigo, dá a ele uma identidade, mostra a seus fiéis o rosto do inimigo a ser derrotado. Alia-se a isso a sua sanha de produzir uma nova “Guerra Santa”, reforçando um cenário de intolerância, de desrespeito e de violência.

A Igreja Universal, durante sua trajetória, não tem poupado recursos para aumentar seus domínios no campo religioso e de forma iterada usa da depreciação de formas de manifestações religiosas que divergem das suas para aumentar sua força, descartando completamente a ideia de liberdade religiosa e de respeito às religiões. A empatia e a educação estão entre as principais formas de combate à intolerância religiosa, a primeira por ser a capacidade de se colocar no lugar do outro e a segunda por nos fornecer conhecimentos sobre a história e as tradições de grupos distintos daquele ao qual pertencemos e dos direitos de cada cidadão. Tais preocupações deveriam ser o ponto de verificação de qualquer ação que pretenda combater a intolerância religiosa no Brasil.

## Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
- AZEVEDO, Reinaldo. O IBGE e a religião – Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. *Veja*, São Paulo, 18 Fev. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em: 21 Jun. 2020.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira: Religiosidade e Mudança Social*. Petrópolis: Vozes-Koinonia, 2003.

- BATISTA JR., João. Detalhes exclusivos do Templo de Salomão, nova sede da Igreja Universal. *Veja São Paulo*, São Paulo, 1 Jun. 2017. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/templo-de-salomao-igreja-universal/>>. Acesso em: 20 Jun. 2020.
- BONFATTI, Paulo. *A expressão Popular do Sagrado*. Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- \_\_\_\_\_. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Lei 11.635, de 27 de dezembro de 2007. Institui o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. Presidência da República. Casa Civil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Lei/L11635.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11635.htm)>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução por: Sergio Micelli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli, Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perpsectiva, 2007.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. São Paulo: Simpósio/UMESP, 1997.
- CRIVELLA, Marcelo. Um chute na heresia. In: CRIVELLA, Marcelo. *Como posso me calar?* CD. 1998.
- GUALBERTO, Márcio Alexandre M. Mapa da intolerância religiosa 2011: Violação ao direito do culto no Brasil – 2011. Salvador: AAMAP, 2011. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/Mapa-da-intoler%C3%A2ncia-religiosa.pdf>>. Acesso em: 20 Jun. 2020.
- MACEDO, Edir. *Nos passos de Jesus*. São Paulo: Unipro, 2018, p. 25.
- MACEDO, Edir Bezerra. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Universal, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Vida com Abundância*. Rio de Janeiro: Universal, 1990.
- MACHADO, Jonatas Eduardo Mendes. *Liberdade religiosa numa comunidade constitucional inclusiva: Dos direitos da verdade aos direitos dos cidadãos*. Coimbra: Coimbra, 2006.

- MARCUSSI, Alexandre Almeida. Implicações atuais do debate entre Herskovits e Frazier sobre os africanismos. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, Jul. 2011, p. 1-11. p. 2. Disponível em: <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855462\\_1440d6cad39b617b5fe13a06f790b2b0.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855462_1440d6cad39b617b5fe13a06f790b2b0.pdf)>. Acesso em: 20 Jun. 2020.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MCALISTER, ROBERT. *Mãe-de-santo*. Rio de Janeiro: Carisma, 1983.
- MENESES, Jonatas Silva. Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): Institucionalização e mudança de paradigmas. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, n. 20, p. 423-436, 2017. Disponível em: <[http://recil.grupolusofona.pt/xmlui/bitstream/handle/10437/8777/igreja\\_universal\\_reino\\_deus.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/xmlui/bitstream/handle/10437/8777/igreja_universal_reino_deus.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 20 Jun. 2020.
- MEZZOMO, Frank Antônio. Nós e os outros: proselitismo e intolerância religiosa nas igrejas neopentecostais. *Revista de História e Estudos Culturais*, Santa Catarina, v. 5, n. 1, p. 1-25, Jan. 2008. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF14/Artigo\\_14\\_Frank\\_Antonio\\_Mezzomo.pdf?](http://www.revistafenix.pro.br/PDF14/Artigo_14_Frank_Antonio_Mezzomo.pdf?)>. Acesso em: 20 Jun. 2020.
- NUNES, Tarcílio Divino. O crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil: um olhar sobre a política da Igreja Universal. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, Uberlândia, v. 1, n. 35, p. 127-132, 11 Mai. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/503/473>>. Acesso em: 20 Jun. 2020.
- PAIVA, José Maria de. *Colonização e catequização*. São Paulo: Autores Associados, 1982.
- RIBEIRO, Josenilda Oliveira. *Sincretismo religioso no Brasil: Uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012. Disponível em: <http://estrategistas.com/wp-content/uploads/2013/06/Sincretismo-religioso-no-Brasil-Josenilda-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 20 Jun. 2020.
- SABEH, Luiz Antônio. *Colonização salvífica: Os jesuítas e a coroa portuguesa na construção do Brasil (1549-1580)*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. Disponível em: <<http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2009/LuizSabeh.pdf>>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

SILVA, Lucília Carvalho da; SOARES, Katia dos Reis Amorin. A intolerância religiosa face às religiões de matriz africana como expressão das relações étnico-raciais brasileiras: o terreno do combate à intolerância no município de Duque de Caxias. *Revista EDUC*, Duque de Caxias, vol. 1, n. 3, Jan./Jun., 2015, p. 1-13. p. 4. Disponível em: <[http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170608150213.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170608150213.pdf)>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. *Intolerância Religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007.

ULTIMO SEGUNDO. A volta de Von Helde: o bispo que chutou a santa. *Ultimo Segundo*, 20 Ago. 2014. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2014-08-20/a-volta-de-von-helde-o-bispo-que-chutou-a-santa.html>>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

Submetido em: 24/01/2020

Aceito em: 29/06/2020